

MENDONÇA, Antonio Gouvêa. *O celeste porvir: a inserção do protestantismo no Brasil*. São Paulo: Paulinas, 1984. 267p. Resumido por JLHack em 2004.

Introdução

Há um protestantismo no Brasil, mas ele não se insere na política e na cultura. Este estudo busca este porquê, além de estudar a diminuição de seu ritmo de crescimento e a perda de fiéis dentro do protestantismo de missão. O foco será o presbyterianismo no período de 1859 ao fim do século 19.

A proposta do trabalho é que: a) a inserção se deu num momento propício; b) ocorreu na camada pobre e livre da área rural; c) foi facilitada pela expansão do café. Para considerar a ideologia da mensagem missionária, foi rastreada a formação do protestantismo norte-americano, com suas bases nas lutas da pós-reforma. A religião é uma empresa construtora de mundos, daí a necessidade de entender o pensamento teológico e a relação religião-sociedade.

Busca-se compreender o “espírito do protestantismo brasileiro”, a partir de uma análise de sua inserção na sociedade do Brasil.

1ª PARTE – HISTÓRIA

1. Presença protestante

A cultura ibero-católica dominante no Brasil só abriu espaço para o protestantismo quando este pôde se inserir sem a ameaça de gerar transformações na sociedade (devido ao seu enquistamento).

A) Brasil Colônia

Houve as tentativas dos franceses (1515 no RJ, 1610 no MA), que ruíram devido à resistência portuguesa e às lutas internas. No período de 1630 a 1645, estabeleceu-se a Igreja Reformada Holandesa, fortemente vinculada aos interesses da Companhia das Índias. Até a vinda da família real (1808), não houve mais protestantismo no Brasil. A dependência da Inglaterra forçava a redução da hegemonia católica, o que se garantiu progressivamente nas Constituições de 1824 a 1891.

B) Brasil Império

Embora garantisse a liberdade de culto, a Constituição de 1824 ainda restringia a construção de templos e o proselitismo. Com o tempo, houve mais tolerância, o que, junto com o trabalho de distribuição de Bíblias, abriu brechas para a penetração do protestantismo. Grupos protestantes de imigrantes logo se fixaram, mas permaneceram isolados da sociedade (anglicanos, alemães).

Missionários metodistas estabeleceram as primeiras igrejas (1836, 42, 71, 76), mas só aos poucos ocorrem adesões de brasileiros. Em 1855 chega Kalley, organizando igrejas congregacionais em português e publicando o primeiro hinário evangélico. Em 1859 chega o presbiteriano Simonton, que também busca se diferenciar pregando em português. Esta pode ser uma explicação para o rápido crescimento presbiteriano. A igreja nacional foi organizada em 1888, unindo congregações provenientes das missões do norte (Simonton) e sul (Lane) dos EUA.

Batistas e episcopais também se instalaram no Nordeste e no sul do país, respectivamente. Mas os dados revelam que os presbiterianos foram os que mais se expandiram.

2. As raízes

A) Reforma na Inglaterra

Separando-se da Igreja Romana em 1535 por Henrique VIII, estabelece seus 39 artigos e o Livro da Oração Comum em 1563.

Discute-se na Europa a tese de Armínio (escolha humana da graça) frente ao extremismo de Beza (dupla predestinação), gerando no Sínodo de Dort (1619) a teoria sublapsariana (eleição só dos salvos, os perdidos são responsáveis por sua culpa).

O calvinismo se firmou nos Países Baixos, Inglaterra e Escócia, mais entre as classes baixas. Foi devido ao seu caráter revolucionário (o sistema de governo eclesiástico republicano-democrático) diante da Igreja Oficial e das autoridades civis, aliado à valorização do indivíduo como escolhido de Deus (a teologia da predestinação dava, pois, aos calvinistas a certeza do triunfo diante dos erros, devido à sua escolha por Deus), além da clareza e sistematização dos escritos de Calvino (em relação a Lutero). A academia em Genebra propagava tais pensamentos com grande influência entre os intelectuais.

Tal influência se fez sentir na Inglaterra, gerando o movimento dos puritanos que se opunha ao governo dos bispos e desejava uma reforma mais profunda na Igreja Anglicana. Ganhou força entre eles a Teologia do Pacto (Deus estabeleceu um pacto de graça com Abraão, que deve ser apropriado pela fé por cada indivíduo), mais tarde incorporada na Confissão de Fé de Westminster (1649). Havia duas tendências opostas no puritanismo: a de gerar igrejas locais autônomas (adotada pelos congregacionais e batistas) e a de organizá-las em federações (adotada pelos presbiterianos). O puritanismo se caracterizava pela sua visão de mundo, pelo seu ascetismo austero e sua piedade bíblica. Expressa-se bem nas obras de Milton e Bunyan (este já se desvia do calvinismo na possibilidade de escolha individual do caminho a seguir a qualquer tempo, contra a predestinação e perseverança dos santos).

Bull sistematiza o arminianismo, que se generaliza na Igreja Anglicana. Com o declínio desta, surge o avivamento wesleyano que origina a Igreja Metodista. Wesley se distancia ainda mais do calvinismo com seu ensino sobre a santificação do crente após a justificação. Sua ênfase na conversão e mudança de vida, moralidade e emocionalismo demonstram a influência recebida do arminianismo, puritanismo e pietismo. Tal convergência teológica foi significativa na formação da igreja americana.

B) Protestantismo nos EUA

Sob a égide da Igreja Anglicana se estabeleceram os primeiros protestantes na Califórnia, Virgínia e Maryland. Mas foi a colonização intensa de puritanos (1620–1640, cerca de 15 mil pessoas) que definiu o espírito do protestantismo norte-americano. Embora diferissem na estrutura eclesiástica (episcopal, congregacional ou presbiteriana), tinham uma teologia calvinista e liturgia anglicana. Cansados das perseguições na Europa, formaram uma nova sociedade cristã que acolhesse o Povo Escolhido de Deus. Logo desenvolveram o denominacionalismo, fundamentado nos princípios: é uma associação voluntária (adesão espontânea versus a coerção da Igreja Oficial na Inglaterra), com um propósito e métodos definidos (que a distingue das demais), não exclusivista e ecumênica (entende-se como parte da Igreja, não como detentora única da verdade), e instrumental em sua tarefa de evangelizar o mundo.

O sistema de governo na colônia era em geral congregacional, como reação aos anos de hierarquia anglicana. O culto também foi muito simplificado, dando lugar central à pregação (o que exigia ampla formação acadêmica dos pastores). O modelo puritano exigia elevado padrão de vida moral. Logo formaram escolas (Harvard, 1636). A sociedade se estruturava embebida do espírito protestante.

O século 18 trouxe um enfraquecimento no meio protestante, devido às lutas com a Inglaterra e à influência do Iluminismo. As novas idéias sobre os direitos do homem se chocavam fortemente com a teologia calvinista sobre a incapacidade total do homem em se aproximar de Deus. Neste clima surgiram os avivamentos (1734 e 1858) liderados por Edwards e Whitefield. O medo da imposição da Igreja Oficial nas colônias contribuiu para o desejo de independência. A ambiguidade entre ideias libertárias e dogmatismo está no cerne do protestantismo. Com a expansão para o Oeste, fortalece-se o metodismo, mais facilmente adaptado às condições da fronteira, já que não exigia ministros

formados nem aparato litúrgico. Além disso, a salvação era oferecida a todos que a desejassem, e não só aos eleitos.

O calvinismo era pouco viável pois suas doutrinas se chocavam com os princípios vigentes na sociedade: ascensão social decorrente do desempenho, voluntarismo, igualitarismo. A reformulação teológica diante destas condições sociais favoreceu o arminianismo metodista, que defendia a capacidade do homem em se aperfeiçoar em reação à aceitação do amor divino disponível a todos. A teologia é fortemente antropológica (o homem como agente moral livre), com ênfase no Cristo crucificado (o Deus-homem que vence as condições humanas), na religião ética, na fé racional, na escatologia otimista. Desenvolve-se também uma separação entre o espiritual e o temporal (dai a César...), em face à discussão sobre a escravatura.

C) Destino manifesto

A sociedade americana se construiu em torno do sonho milenarista de uma civilização cristã modelo, baseada na desinstitucionalização eclesiástica (igrejas como associações livres) e na vida ordenada segundo o tripé religião-moralidade-educação. É a expansão deste sonho para além das fronteiras que embasa o movimento missionário, tal como levou os migrantes puritanos a buscar seu paraíso perdido. Os americanos se viam como os escolhidos de Deus para conquistar o mundo para Cristo e implantar o milênio através de uma sociedade digna e justa: é a ideologia do Destino Manifesto, que fundamentou o seu imperialismo.

D) A empresa missionária

No pensamento americano, a propagação da fé e a extensão do seu poder político são lados da mesma moeda. Os missionários eram enviados para salvar os países atrasados do despotismo nativo ou do imperialismo europeu, estabelecendo a influência política americana. A expansão da fé justificava as guerras comerciais. O início do século 19 viu florescerem as sociedades missionárias, com planos para os indígenas e escravos, mas sobretudo com os povos da África, Oriente e América Latina. Muitos dedicavam suas vidas ao trabalho entre povos pagãos, baseados na doutrina arminiana do infinito amor de Deus disponível a todos os homens.

E) Atividades leigas

Subproduto importante desta “bondade desinteressada” foi a ênfase educacional. Além da forte proliferação de instituições educativas até 1860, também surgiu em 1780 o movimento da Escola Dominical (na Inglaterra, logo alcançando os EUA). O ensino religioso das crianças se fundamentou em Bushnell (1847), que defendia a condução da criança ao bem, minimizando suas tendências pecaminosas originais. Tal filosofia da educação cristã negava a depravação total do homem, opondo-se ao calvinismo. A Escola Dominical se constituiu em forte apoio para a consolidação de novas igrejas. Além disto, surgiam nesta época as sociedades auxiliadoras femininas, com forte papel formativo entre os jovens, e as sociedades para distribuição de Bíblias e folhetos exortativos. A instauração mundial do Reino de Deus exigiu dos americanos o dispêndio de vultuosos recursos financeiros e humanos.

F) Resistência às mudanças

O fim do século 19 observou o desenvolvimento de uma mentalidade fortemente conservadora. Ela transparece no reforço das autoridades da Igreja (como depositárias da unção divina e caminho para aproximação de Deus), no escolasticismo teológico (sistematização da teologia por métodos indutivos, “congelando” a fé), na combinação de pietismo e apocalipsismo (a desilusão com a possibilidade de uma sociedade melhor levou à busca individualizada de experiências espirituais íntimas ou à espera de dias melhores). O apocalipsismo anteriormente defendido (pós-milenismo) visava transformar a sociedade pela implantação progressiva do milênio. A partir de 1870, ganhou força o pré-milenismo, que defendia a vinda sobrenatural do milênio, estabelecendo uma distância entre Igreja e mundo. Criticando o Evangelho Social, este se concentrava na salvação das almas. Enquanto

um buscava mudar a sociedade, o outro enfatizava o indivíduo. Estas ênfases se refletem no campo missionário pelas estratégias de investir na educação (pós-milenismo) ou no proselitismo (pré-milenismo).

Apêndice 1: O pietismo

O pietismo protestante, opondo-se ao intelectualismo e ao clericalismo, equivale ao misticismo católico. É uma ascese pessoal visando apropriar-se do sagrado. Surge diante da perseguição religiosa ou do dogmatismo extremado que produz frieza racional. Centra-se no culto familiar e no comunitário (sem exigência de ministros ordenados ou espaços consagrados). A meditação individual ganha importância como libertação dos frios grilhões doutrinários, buscando a interpretação dos textos bíblicos iluminada pelo Espírito Santo. É nesse contexto que surge a literatura devocional, para preencher a necessidade de autossatisfação religiosa. A experiência pessoal se torna o fundamento da certeza no conhecimento teológico. A doutrina é acessível sem o auxílio do Espírito Santo, mas o verdadeiro conhecimento vem pela experiência pessoal com Deus. O cristão deve morrer para o mundo, cultivando a presença do Cristo sofredor (contemplação da cruz) que o recorda de seu pecado e da certeza do amor e perdão obtidos.

Apêndice 2: Protestantismo e Igreja Católica

A chegada dos imigrantes católicos nos EUA desequilibrou a supremacia protestante, gerando um nativismo anticatólico e muita literatura polemista. O confronto se projeta na práxis socio-política, igualando catolicismo com subversão da democracia. Este pode ter sido um dos motivos do grande esforço missionário americano no Brasil católico.

2ª PARTE – A ESTRATÉGIA

1. Catolicismo brasileiro na visão do protestantismo tradicional

Ao chegar no Brasil, o protestantismo já encontrou uma religião instalada na cultura popular. As peculiaridades do protestantismo brasileiro se devem à maneira como via o catolicismo e, consequentemente, como o enfrentou.

A) A luta foi em três níveis: polêmico, educacional (ideológico e instrumental) e proselitista. A polêmica caracterizou o protestantismo brasileiro desde seu início, mais declaradamente nos pastores nacionais.

B) As diferenças entre as denominações protestantes eram de natureza secundária, niveladas pela teologia de mesma origem (EUA) e pelo confronto das mesmas condições no Brasil. Assim, usava-se o presbiterianismo como representante válido do protestantismo da época. Simonton se mostra proselitista, mas não polêmico em seus sermões. Bom observador da sociedade, descreve o catolicismo como religião pagã e afastada do Evangelho, propícia aos ricos e contraditória em seus rituais.

C) O padre José Manuel da Conceição foi ordenado em 1845, mas suas idéias já eram largamente influenciadas pela Reforma. Em 1864 largou o sacerdócio e se tornou, um ano depois, o primeiro pastor protestante ordenado no Brasil. Passou a visitar as antigas paróquias para corrigir o ensino dado e pregar a salvação pela fé. Não polemizava, não era proselitista para o presbiterianismo, apenas desejava formar um genuíno Cristianismo brasileiro.

D) Já Eduardo Carlos Pereira era polemista por natureza e muito lutou para livrar o presbiterianismo da tutela americana e acelerar a evangelização do país. Culpava o catolicismo pelo atraso moral e material da América Latina.

E) Álvaro Reis foi ainda mais agressivo, acusando-os de propagar o fetichismo. Em suma, negavam o catolicismo como religião cristã e pregavam a conversão à verdade (o protestantismo).

2. A estratégia missionária

O 2º nível da estratégia de penetração do protestantismo foi o educacional. Os missionários desempenhavam sempre duplo papel: professores e pregadores. O objetivo era influenciar toda a sociedade. No plano ideológico, isto se deu pelos grandes colégios, visando atingir os altos escalões da sociedade. No plano instrumental, deu-se pelas escolas paroquiais, que auxiliavam o proselitismo e a manutenção do culto na camada inferior da população. No 1º, a idéia era a exportação do *american way of life*, dentro da ideologia do Destino Manifesto, a partir de 1870. No 2º, o analfabetismo vigente era combatido para propiciar a leitura da Bíblia e a adesão ao culto protestante.

Era costume protestante a fundação de escolas junto com a igreja. O sistema escolar do Império era fraco e pouco abrangia a zona rural. Foi exatamente aí que se inseriu o protestantismo. As congregações se reuniam nas casas dos adeptos, sem lugar fixo. O livro (Bíblia e hinário) e o discurso (sermão) estão sempre presentes no meio protestante, fazendo sua evolução depender da alfabetização do povo. Assim, os missionários investiram bastante na educação. O protestantismo trazido já não era mais o da Reforma, sofrendo mutações no solo americano: ênfase na salvação individual, liberalismo, pragmatismo, além do livre exame e interpretação privada da Bíblia. Impunha-se a formação de uma mentalidade protestante, tal como nos EUA. A idéia do individualismo religioso só podia ser disseminada pela educação. A ideologia americana estava vinculada à sua teologia de missões: as missões protestantes eram vistas como instrumentos da ação colonizadora norte-americana no Brasil (tal como a catequese jesuítica). O pragmatismo se revelava nos trabalhos manuais e no estudo. O protestante europeu adora e ora na igreja, o brasileiro aprende e trabalha. O confronto com o catolicismo seria ganho através da conquista da elite como clientela dos colégios instituídos.

3. Religião, mundo rural e frentes pioneiras

A maioria do clero brasileiro, alheio às discussões da Reforma, demonstrou curiosidade pelas idéias protestantes. Embora tenha havido perseguições no particular, nem o Estado nem a Igreja Católica oficialmente foram contra o protestantismo. O presbiterianismo se inseriu bem no meio rural, seguindo a trilha do café, sem resistência séria da sociedade brasileira.

A) O homem pobre e seu campo religioso

A sociedade brasileira do final do século 19 contava com grande contingente de homens livres e pobres. Este homem era independente (tinha acesso à terra, mas não a possuía), livre (não assalariado nem escravo), extremamente móvel e participante de um universo igualitário (um setor pouco regulamentado da vida social). A violência, a competição e o lúdico caminham juntos na vida comunitária, caracterizada pela proximidade espacial (vizinhança), cooperação (mutirões, etc) e parentesco. A Igreja Católica legitimava a classe dominante, ao mesmo tempo que se submetia a ela devido ao regime de padroado. A adesão ao protestantismo foi pouca na classe dominante e só aconteceu entre mulheres e nas cidades.

A religião do mundo organizado era a do “Deus estabelecido”, a dos homens pobres era a dos “santos nômades”. Esta era uma religião difusa, coletiva, que se opunha a uma dominação sistêmica. Era a crença em objetos e palavras com poderes mágicos para definir o destino das pessoas. Era uma religião santorial e politeísta; a devoção aos santos é prática e utilitária (*do ut des*) e se expressa de modo contratual (transitório) ou em aliança (contínua); é também direta e pessoal. Já Cristo, pelo contrário, é distante, morto, sem poder, desencarnado. Talvez pela difícil assimilação da relação Deus Pai, Filho e Espírito Santo. Ou seja, era uma religião pouco cristológica, mas muito mágica. É também uma religião com razoável colorido messiânico, aguardando a reconciliação universal de tudo e todos na história presente. É uma religião com caráter lúdico (dança, canto) e nômade (recusa do padre fixo).

B) O anúncio de uma nova religião

A inserção do protestantismo trouxe um conflito de teodicéias na camada dos homens livres

e pobres rurais. O distanciamento da população rural da agência religiosa oficial foi que permitiu o contato inicial das missões protestantes com a população brasileira, embora fragmentário e fraco. De que forma a nova mensagem protestante foi assimilada e reinventada?

O protestantismo missionário era vinculado estreitamente ao liberalismo do século 19. Assim, defendiam a liberdade religiosa, a responsabilidade individual quanto a aceitar a salvação pela fé (individualismo) e o igualitarismo (todos são iguais perante Deus, pois todos pecaram). A salvação só pela fé e pela graça era a mensagem básica, contrapondo-se ao ensino da salvação pelas boas obras e ofertas votivas. Apresenta-se uma visão maniqueísta do mundo (o presente é mau, somos peregrinos aqui), mas que justifica o *status quo*, jogando a solução para o mundo vindouro. Negando o tempo presente de prazeres, o fiel será premiado com um não-tempo futuro de felicidade. A relação do fiel com o sagrado é ética e não utilitária. Tal estruturação da realidade lhe dá normas de vida a seguir. A teodicéia protestante é radicalmente transcendentalista, é uma religião de salvação, solidamente cristológica (Jesus como único mediador) e individual.

C) Teodicéias em confronto

A mensagem protestante se revela um empobrecimento do Cristianismo católico, ao se despojar do mistério, milagre e magia. No protestantismo, o vácuo entre a divindade transcendente e a humanidade decaída só é perpassado pela graça, único milagre do mundo desencantado protestante. No catolicismo, a distância entre Deus e os homens não é tão longa e há entre eles variados meios de comunicação (os sacramentos, a intercessão dos santos, os milagres, etc) – o fiel manipula os poderes para tentar transformar sua situação de conflito. Já no protestantismo, Jesus Cristo soma todas as funções dos santos, mas a solução dos males é projetada para o além. A luta entre o bem e o mal é cósmica e distante, sua resistência é pela ética, gerando um messianismo passivo. Já a prática católica suaviza este maniqueísmo pela sua manipulação dos poderes espirituais. Ambas as teodicéias são nômades e pregam uma relação individual com o sagrado. Contudo, o protestantismo é igualitarista e o catolicismo não.

A) Como a teodicéia protestante venceu o bloqueio da teodiceia católica estabelecida há séculos? Sua plausibilidade, segundo Berger, se deve à conjuntura social. Mudanças sociais estruturais podem alterar as idéias religiosas: a) havia um espaço religioso rarefeito (alcance oficial precário, autogestão religiosa); b) havia temor de expropriação religiosa (gerando rompimento inconsciente com a religião); c) a presença do padre (agente expropriador) não era simpática (enquanto o missionário protestante não ameaçava, fazia-se igual); d) a pobreza do homem livre pode ter influenciado sua opção protestante (a devoção católica gerava muitos gastos, enquanto a nova religião arcava surgia sem custos); e) o nomadismo protestante era ainda mais simples que o católico (este tinha seus santos ligados a espaços definidos).

Neste confronto havia também forças de resistência ao protestantismo interna (da própria mensagem protestante) e externa (do meio que a recebeu). A interna abrangia o excesso de institucionalismo (devido ao rito de ingresso nas denominações por meio de compromisso formal público, implicando rompimento com a cultura e, às vezes, com a família) e o intelectualismo (embora a sociedade fosse analfabeta, não se abriu mão da exigência de significativo domínio da linguagem – o culto não inclui gesto e imagem, é discursivo e racional, mais aula que encontro com o sagrado; assim também os cânticos e as provas de ingresso, que exigiam conhecimento bíblico). A dificuldade externa foi se apresentar o protestantismo como uma contracultura, exigindo comportamento diferenciado, o que se percebe no rompimento com o lazer e o lúdico (negava-se ao ócio, às festas religiosas católicas com suas danças e cantos, ao desrespeito ao domingo, aos mutirões que geravam violência e consumo de álcool) e na sua ética (contrariamente à sua teodicéia transcendentalista, enfatiza normas austeras para a vida provisória neste mundo).

B) O protestantismo não encontrou oposição por parte da burguesia rural, devido aos interesses imediatos desta. Não havia alteração por causa da conversão na relação entre os fazendeiros e sitiantes, nem na lealdade compadresca. A ética protestante, por sua vez, gerava um mundo à parte

de gente ordeira, pacífica, confiável e não ociosa. Eram esquisitos (por negarem o lúdico) mas simpáticos.

D) Na trilha do café

A expansão do protestantismo (formação de novas congregações) no século 19 acompanhou a trilha do café, pontilhando o mapa de São Paulo e parte de Minas (alcançando o norte do Paraná no início do século 20). Entretanto, não chegou a ter peso significativo que indicasse competição com a religião dominante. O trabalhador nacional foi o pioneiro na expansão do café, devido à sua mobilidade em busca de novas plantações (o imigrante não tinha liberdade para deslocamentos constantes) – isto porque a lavoura de subsistência só pode existir nos primeiros quatro anos da plantação de café. A mensagem protestante se ajustava à vida dessa camada de população. As comunidades protestantes eram leigas e se autogeriam na falta de pastores, eram núcleos pequenos, distantes dos centros de poder e extremamente móveis.

Apêndice 1: Escola Dominical no sítio

Descrição de uma reunião de Escola Dominical no casarão de Osório Monteiro.

Apêndice 2: Cena religiosa sertaneja

Descrição de um culto de meio de semana no sítio de Neném Coutinho.

Apêndice 3: O padre José de Mogi-mirim

Nota sobre padre bastante receptivo ao protestantismo.

Apêndice 4: Missionários, protestantes e padres

Citações sobre a relação amigável entre missionários e padres.

Apêndice 5: O evangelista dos sertões

Descrição do trabalho itinerante do pastor Caetano.

3ª PARTE – A NOVA RELIGIÃO

1. A mensagem institucional

O começo do século 20 encontrava o Brasil de portas abertas para o Evangelho. Discutia-se nos EUA a necessidade de mais missionários no Brasil católico, considerado por alguns como não cristão. Examinar as contradições ideológicas que permeavam as missões americanas do século 19 permite entender o ajustamento que descaracterizou o protestantismo brasileiro de suas origens históricas reformadas.

A ideologia do Destino Manifesto pode ser vista em dois vertentes que se contradizem apenas no método: como produto da teologia do puritanismo, pregar o Evangelho dentro de um modelo civilizatório (as instituições americanas sendo implantadas em outros povos para estender o Reino de Deus; educação usada para disseminar o *american way of life*); como produto da teologia dos avivamentos, pregar o Evangelho regenerando os indivíduos para que a sociedade seja transformada (ênfase proselitista). Estes dois lados da moeda são responsáveis pelo despejo de educadores e pregadores americanos no Brasil.

A) A teologia do protestantismo missionário no Brasil e suas formas de assimilação

O transplante do protestantismo norte-americano trouxe suas próprias contradições. Em contato com a cultura e estrutura social já estabelecidas aqui, sofreu ajustamentos. A população livre e pobre do meio rural, ao aceitar a nova mensagem religiosa, selecionou nela as respostas mais

adequadas às suas condições e necessidades. Esta seleção se dá em dois níveis: reinterpretação do discurso abstrato do especialista para trazê-lo ao concreto e ajustamento às necessidades existenciais imediatas. Vamos analisar os dois lados envolvidos (especialista e receptor), para compreender a apresentação da mensagem e a forma que assumiu na crença e prática do brasileiro comum. A mensagem protestante, do ponto de vista institucional, foi dogmática-epistemológica (inculcar a doutrina e teologia e sua visão do mundo e do homem) e polêmica (confronto com a religião dominante, demonstrando sua falsidade e abrindo espaço para a nova religião). Do ponto de vista de vivência, a mensagem foi pietista e milenarista-messiânica. A relação entre estas formas de mensagem gerou uma ética individualista e ascética, negadora do mundo e apolítica.

A mensagem missionária traz as marcas de um protestantismo cansado de lutas teológicas, de relacionar a religião com a sociedade sempre em mutação. No momento de descanso da luta, havia um salto para o mundo do além (deixando as preocupações deste mundo).

Kalley representa bem o puritanismo escocês mesclado de metodismo. Enfatiza em seus hinos o amor de Deus a todos os homens, embora pecadores, e seu desejo de salvar a todos. A reação a este amor é individual e voluntária, embora esta salvação obtida esteja sujeita a recaídas pelas tentações do mundo, o que exige uma ética rigorosa de separação do mundo. Esta teologia transparece em Bunyan e no quadro dos dois caminhos.

Simonton reflete em seu pensamento a situação de tensão entre os presbiterianos americanos (velha escola, ortodoxa x nova escola, de tendência avivalista e metodista), embora tenha se formado em Princeton, reduto conservador. Por exemplo, defendia o conceito de igreja espiritual, que não se imiscui neste mundo mau (preserva o status quo), aguardando o mundo futuro espiritual. Sua crença nos dois mundos pressupõe uma fé interior (mostra preocupação com a vida devocional) e uma ética que estabelece normas para viver no mundo provisório com olhos no permanente.

Conceição dedicou-se mais à polêmica, corrigindo o ensino dado aos antigos paroquianos. Assimilou bem a teologia dos dois mundos dos missionários, além da ênfase na vida moral pessoal e na recompensa das ações atuais na Pátria celestial.

Os hinos dos batistas e metodistas demonstram sua uniformidade de pensamento com a teologia apresentada, desenvolvendo temas de peregrinação nesta terra e de intenso pietismo (frisando a intimidade com Deus e o sacrifício cruento de Jesus).

A invasão protestante reproduziu aqui o protestantismo de fronteira dos EUA. Embora as tradições peculiares de organização eclesiástica (presbiteriana, congregacional e episcopal) tenham se transferido para o Brasil, a ideologia da missão americana tendia a ser teologicamente monolítica, estratégia para não gerar desconfiança dos receptores da mensagem pela concorrência entre diferentes tradições denominacionais – o objetivo mais importante é a extensão do Reino de Deus. Era uma coligação reformada contra o antigo inimigo comum, já solidamente instalado na sociedade brasileira. A simplificação teológica e litúrgica resultante da ideologia comum transparece no uso de um único hinário que servia a todos (o Salmos e Hinos).

Esta unidade teológica gerou franca cooperação entre os protestantes, exceto da parte dos batistas, que não preferiam não comungar os grupos pedobatistas.

B) Emocionalismo e dogmatismo epistemológico

A pregação missionária foi avivalista (converter o indivíduo), polêmica (convencer da verdade protestante ante o catolicismo) e moralista (inculcar os novos padrões de conduta). A mensagem avivalista buscava convencer o ouvinte de seus pecados, desencadear suas emoções e levá-lo a uma decisão existencial. Por isso, o sermão era dogmático (expondo os fundamentos da fé cristã), racionalista (com uma lógica irrecusável) e dramático (aliado a cânticos, visando despertar emoções), com a finalidade de criar um ambiente favorável às conversões. Esta composição epistemológica e emocional marca uma dialética difícil no protestantismo brasileiro, sendo que alguns grupos enfatizam mais o aspecto epistemológico (o conhecimento bíblico e doutrinário) para o ingresso de novos

membros.

C) Neoplatonismo e transcendentalismo

A mensagem missionária também veio marcada pela influência do transcendentalismo do teólogo liberal Ralph Waldo Emerson, que se baseia na supremacia do espírito sobre a matéria e no imediatismo de Deus na alma humana. Estas ênfases transcentrais transparecem nos cânticos que exaltam a vida do além em relação à atual. O neoplatonismo, no protestantismo brasileiro, se assemelha ao maniqueísmo, o que se percebe nos diversos cânticos de batalha do bem contra o mal.

Em face das condições de seu surgimento, a teologia protestante norte-americana do fim do século 19 era complexa e tumultuada. Os missionários são fruto desta conjuntura. A teologia de seus púlpitos não era a dos seminários, mas transparecia a ideologia dos avivamentos, em meio a múltiplas tendências peculiares a cada grupo.

Apêndice: a pedagogia da diferença

Reproduz folheto polemista que defende a superioridade protestante sobre o catolicismo.

2. Crenças e suas formas de assimilação

O protestantismo brasileiro reflete um momento do norte-americano: a religião das frentes pioneiras. Era uma teologia academicamente calvinista, mas arminiana na prática evangelística – um equilíbrio já pregado pela academia de Saumur. O protestantismo no Brasil é um saber: antes ou depois da conversão os indivíduos são levados a uma adesão intelectual.

Outra forma de ruptura entre teologia e prática, entre os presbiterianos, é a adesão oficial à Confissão de Fé de Westminster, típica expressão do escolasticismo protestante, enquanto a fé vivida é de outra natureza (se conforma à pregação avivalista).

A) A fé explícita

Na 2ª metade do século 19, o protestantismo americano demonstrava cansaço. O protestantismo brasileiro reflete uma influência composta do espírito dinâmico dos avivamentos e do quietismo advindo deste cansaço. O escolasticismo (sistematização da teologia) gerava estabilidade ideológica e social, o pietismo produzia o mesmo a nível pessoal, o apocalipsismo projetava as demais preocupações para o mundo futuro. São estas as ênfases da mensagem missionária no Brasil.

O escolasticismo garantiu a institucionalização das denominações num meio estranho e adverso, mas foram o pietismo e o apocalipsismo que levaram à aceitação da mensagem pelo homem rural. O apocalipsismo era reforçado pela vida vazia que ansiava por dias melhores. O pietismo, pelo isolamento devido às escassas visitas do pastor itinerante, o que levou o crente a se apegar ao livro sagrado como principal fonte de orientação. O escolasticismo ficou distante do homem comum, o que explica esta ambigüidade entre credo e vivência diária.

Esta crença do cotidiano só pode ser identificada a partir dos cânticos escolhidos (pois as orações e sermões não ficaram registrados). Os hinos traduzem intensamente o sentimento religioso. Eles são o último reduto de um momento histórico do protestantismo mundial: os avivamentos e as missões.

B) A fé explícita nos cânticos

Martin argumenta que a escolha dos cânticos varia conforme a classe social. Ora, são exatamente os coros procedentes dos avivamentos entre as camadas mais baixas da Inglaterra e EUA que obtiveram um transplante bem-sucedido para o Brasil. Tal como o intelectualismo calvinista, os hinos mais sofisticados e clássicos não encontraram brechas na cultura brasileira.

A classificação de 437 coros do hinário “Salmos e Hinos” revela forte ênfase cristológica (quase omitindo o tema da Trindade) e arminiana (amor universal de Deus, convite ao pecador).

Surpreende a pouca ênfase na ressurreição, tema crucial do Cristianismo. Há forte individualismo, pois os cânticos estão em geral na 1ª pessoa do singular. Dentro desta classificação, percebe-se quatro tipos de protestantismo:

a) Protestantismo pietista (50% dos cânticos): Em reação à institucionalização da igreja e seu escolasticismo, o pietismo se caracteriza pelo cultivo individual da devoção, leitura solitária da Bíblia e sua interpretação literal ou espiritualizada e, especialmente, a experiência pessoal com Jesus. A pedagogia pietista da cruz gera a consciência do próprio pecado e do perdão divino na contemplação do sofrimento vicário de Cristo. Este enclausuramento devocional leva o crente à negação do mundo e de seus prazeres (como antagônicos ao gozo espiritual). Torna-se um monasticismo secular, semelhante ao misticismo monástico católico.

O pietismo se torna forte obstáculo ao desenvolvimento da reflexão teológica, que cheira a racionalismo. A espiritualização é um esforço para fugir do material e do temporal, permitindo resolver sozinho as dificuldades do texto que podem questionar a própria fé. O pietismo seleciona entre o ensino institucional aquilo que auxilia sua devoção individual e reage defensivamente quando o pensamento sistemático ameaça seu sistema de crenças individual. O que predomina, portanto, é o sentimento e a experiência pessoal de fé. Seu último reduto é a Bíblia, interpretada individualmente. Este conflito transparece na rejeição das escolas de teologia, pois nelas a reflexão pode ameaçar duplamente o espírito pietista: a sistematização em fórmulas de fé pode se sobrepor ao individualismo e o movimento de idéias pode gerar mudanças. O pensamento criativo e as inquietações não são toleradas.

b) Protestantismo peregrino (5% dos cânticos): a ética de negação do mundo do protestante comum o leva a viver no provisório, esperando o porvir, como estrangeiro nesta terra. Este é apenas um tempo de peregrinação, onde o fiel não tem morada nem repouso, e está cercado de inimigos. Embora poucos, tais hinos são prediletos do repertório, de forma que o favoritismo supera a quantidade.

c) Protestantismo guerreiro (10% dos cânticos): influenciado pelo bom avanço das denominações no Brasil e pela ideologia guerreira do Exército da Salvação, este protestantismo surge numa 2ª etapa, tal como sucedeu com a versão católica. Não é uma guerra santa contra os infiéis; sem inimigos visíveis, a batalha é transferida para o espiritual: luta-se contra poderes metafísicos. O triunfo sobre o mal será marcado pela irrupção do sobrenatural: a vinda de Jesus, o chefe guerreiro vitorioso que inaugurará o milênio. Alguns cânticos contêm formas polêmicas contra o catolicismo.

d) Protestantismo milenarista (25% dos cânticos): a mentalidade messiânica se enfrontou na cultura brasileira através do sebastianismo português e do mito indígena da terra sem males. Dentro do protestantismo, o pré-milenismo (que anuncia a vinda sobrenatural do paraíso) é uma reação ao liberalismo teológico (que cria na capacidade humana, no Evangelho Social e, embora sem ênfase, no pós-milenismo). Os cânticos demonstram que os brasileiros assimilaram bem esta faceta da mensagem missionária, aguardando a pátria que foi perdida (não é um bem a ser conquistado) – uma Idade de Ouro sem sofrimento ou velhice. O milenarismo protestante difere do católico, não gera movimentos sociais, é uma nostalgia por algo perdido que espera solução no transcendente.

Reflexões finais

No século 19 o protestantismo norte-americano já era bem heterogêneo. As tradições puritanas se mesclararam com a ideologia dos avivamentos religiosos e do liberalismo, refletindo-se em novas formas eclesiásticas (denominacionalismo) e na crença na capacidade humana (voluntarismo conversionista, perfeccionismo pessoal, pós-milenismo). Com a guerra sobre a escravidão, a Igreja buscou se preservar no reforço da autoridade, no escolasticismo e no transcendentalismo (igreja espiritual e pré-milenismo).

Estas foram as idéias transplantadas para o Brasil pelos missionários. Ao atingir a camada baixa rural, o protestantismo se constitui num saber (Bíblia e doutrinas), crença (ética e milenarismo)

e devoção piedosa individual. Há um forte conservadorismo, mantendo o protestantismo brasileiro fiel à herança recebida e fechado até às mudanças da igreja-mãe, o que se deve ao pietismo (que enfatiza o individualismo e indiferença pelo social) e ao apocalipsismo pré-milenista (que não deseja transformar o aqui e agora).

Esta característica conservadora afastou o protestantismo dos movimentos sociais que mudaram a fisionomia do país, tornando-o inadequado ao contexto atual pela sua rigidez teológica (confissão de fé datada), pietismo (que impede a reflexão teológica sobre o social) e milenarismo (que perdeu seu sentido com a urbanização e ascensão social protestante). Aliado a este fator, a retomada da Igreja Católica (em busca de garantir seu espaço) tornou difícil a expansão protestante no século 20.